

AS FORÇAS E OS FLUXOS DO CINEMA EM SALAS ALTERNATIVAS: EXPERIÊNCIA DO CINE UFPEL

ANALU FAVRETTO¹; QUÉZIA PINHEIRO², RAUL DOS SANTOS³, YADNI
CABRAL⁴; CINTIA LANGIE⁵

¹Estudante de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – nalu.fvt@gmail.com

²Estudante de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – quezia-pinheiro@hotmail.com

³Estudante de Cinema e Animação (UFPEL) – Raul_ssouza@live.com

⁴Estudante de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – yadni.svp@hotmail.com

⁵Professora de Cinema e Audiovisual (UFPEL) – cintialangie@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Cine UFPEL é a sala de cinema digital da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É um projeto sem fins lucrativos, que tem como principal objetivo trazer ao alcance da comunidade, de forma gratuito, filmes brasileiros contemporâneos não comerciais, na sua maioria pouco conhecidos e de difícil acesso. Posto em funcionamento em 2015, o espaço é gerenciado pelos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema e Animação, ambos da UFPEL, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC).

A sala contém 82 lugares e localiza-se na Agencia Lagoa Mirim, no centro da cidade de Pelotas. A política de programação consiste em sessões semanais nas quintas-feiras e sextas-feiras às 19h. Dentre as iniciativas do projeto, estão as sessões semanais para idosos, para alunos de escolas públicas e para a comunidade, sendo essa última o objeto de estudo nesse artigo.

O cinema atua como suporte à educação desde seus primórdios, em 1900, sendo incorporado no Brasil por volta de 1920 e 1930, encontrando-se como um meio de alfabetização.

Não é de surpreender, portanto, que a idéia de fazer uso da produção cinematográfica para alavancar o processo civilizador e formar moralmente os povos tenha sido a base sobre a qual se estabeleceu, originalmente, a relação entre educação e cinema em vários países, incluindo o Brasil. (DUARTE, 2008, pg. 61).

Seguindo esse pensamento, veremos aqui como a experiência de uma sala gratuita de cinema gera resultados positivos, tanto para a circulação do audiovisual brasileiro, como para a formação de senso crítico do público. Como aponta LANGIE:

Em suas diferentes ações, o Cine UFPEL une a educação com a arte – no caso, o cinema - na busca de ampliar o repertório dos espectadores e, assim, contribuir para o exercício do pensamento crítico deles (2015, pg. 10).

2. METODOLOGIA

O objetivo principal do Cine UFPEL é proporcionar para a comunidade a oportunidade de contato com o audiovisual brasileiro, partindo da dificuldade que os filmes encontram na sua distribuição e também, do preconceito da própria população para com produtos nacionais. Porém, a proposta do cinema

comunitário da UFPEL vai além disso, dispondo de uma seleção de curtas e longas-metragens de cunho social. Como cita LANGIE:

A ideia é ter uma programação que privilegie aquele tipo de filme que possa ter elementos narrativos clássicos, mas que seja autêntico, problematizador de questões sociais relevantes, que saia do clichê, expandindo o horizonte dos espectadores e mostrando às pessoas que existe esse tipo de produção sendo feita nos países latino-americanos (2015, p. 38).

Consequentemente, o Cine UFPEl atua na formação social, política e, principalmente crítica dos espectadores, sendo que uma vez que se entre em contato com um conteúdo que carrega, mesmo que implicitamente, alguma mensagem de âmbito coletivo já se torna “uma prática socializadora que possibilita diferentes encontros: de pessoas com pessoas em diferentes contextos de exibição, de pessoas consigo mesmas” (FANTIN, p. 52, 2014).

O projeto também traz reflexões e conhecimento acerca de questões técnicas e de linguagem do audiovisual, como por exemplo, as funções da equipe técnica de um filme, os gêneros cinematográficos e os tipos de enquadramentos que existem e que sentido eles carregam, por exemplo, quando uma câmera é posicionada acima dos olhos do ator, chamamos de *plongée* e significa que você está o pondo em uma situação que ele se sente diminuído. A reflexão sobre a linguagem estimula o pensamento sobre signos e subjetividade, uma vez que sabendo para quê são usados certos artifícios, como ângulo da câmera e os planos escolhidos, a narrativa fica mais facilmente de ser entendida. Além disso, são estimulados debates após cada sessão, fortalecendo discussões sobre temática, técnicas usadas e troca de experiência entre espectadores.

Pelo fato da sala ser gerenciada pelos cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema e Animação da UFPEL, os discentes de ambos têm a oportunidade de estar em contato com o mercado de audiovisual brasileiro, criando contatos profissionais, uma vez que os filmes só são exibidos perante a liberação das distribuidoras. Essa aproximação, resultado do intenso contato entre a sala e distribuidoras, facilita diretamente a proximidade entre os cursos da UFPEl como unidade e o audiovisual brasileiro, gerando uma ampliação de conteúdos audiovisuais para o público que geralmente não teria acesso aos mesmos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de fruição estética coletiva no Cine UFPEl já se revela um fato potencializador do olhar e de comungação do pensamento, como escreve DELEUZE (1992): “O indivíduo que vai ao cinema ver filmes de forma coletiva está à espreita de alguma matéria que lhe proporcione o encontro. Encontro com uma ideia, com algo que movimente o pensar”. Sessões que visam a projeção de filmes de âmbito social, como foi *Que horas ela volta?* (MUYLAERT, 2015) e *Beira-mar* (MATZEMBACHER, REOLON, 2015) lotaram a sala Cine UFPEl, ocupando todos seus 82 lugares, sendo que o último citado trouxe para o debate os dois diretores do filme, unificando ainda mais a relação entre realizador e espectador.

O Cine também é palco para projetos de alunos que estão concluindo o curso de Cinema e Audiovisual, da UFPEl. Um exemplo é o Subjetivas, projeto de

conclusão de curso das discente Adriana Yamamoto e Digliane Andrade, que tem como objetivo a exibição de obras de realizadoras, reiterando a força da mulher no atual cenário audiovisual.

Nesses casos, o cinema e a comunidade tem a chance de pensarem juntos e debaterem acerca de questões do contexto social ao pessoal, transformando a ida ao Cine UFPel em um ensaio de saber em que outras pessoas irão comungar da mesma experiência estética e que provavelmente haverá um diálogo com as pessoas após o término da sessão, “peculiaridades que facilitam a vivência das sensações proporcionadas pela arte.” (LANGIE, 2015, pg. 5).

4. CONCLUSÕES

A sala de cinema gratuita da UFPel atua como formadora de senso estético da percepção do cinema e também como incitadora do olhar para o audiovisual brasileiro, ao qual, na maioria das vezes, a população não tem acesso. De forma gratuita e abrangente, o Cine leva para a comunidade um conteúdo artístico fora dos padrões *Hollywoodianos*, revelando assim as angustias reais de um povo. Essa é uma ação política, já que o cinema hegemônico normalmente provoca o “conformismo do espectador; já que tem a presença de heróis que correspondem a sua visão violenta e ‘humanitária’ do ‘mundo do progresso” (LOUREIRO, 2008, pg. 137).

Além disso, realizar essas sessões fixas para a comunidade, duas vezes por semana, contribui para o acesso às produções dos próprios cursos de Cinema e Audiovisual e Cinema de Animação da UFPel. O contato com produtoras e distribuidoras nacionais também contribui para a troca de experiência entre quem está começando a fazer cinema – graduandos da UFPel – com quem já está no mercado. Por fim, salienta-se a importância das sessões de cinema brasileiro para um melhor entendimento do atual contexto social que vivemos, inseridos em uma cultura que nos contempla, mas não nos inclui.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DUARTE, R. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, p. 68, 2008.

FANTIN, M. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

LANGIE, C. As potencialidades da distribuição alternativa de filmes: o Cine UFPel no contexto da sociedade do conhecimento. **Revista ORSON**, Pelotas, p. 5 – 10, 2015.

LOUREIRO, R. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação e realidade**, Porto Alegre, p.135-154, 2008.